

Criadora e criatura, ou melhor, tatuadora e tatuada

A tatuagem entrou na vida de Beatriz Araújo, 26 anos, bem antes da profissão. Desde criança ela era apaixonada pelos diversos tipos de arte e, depois de acompanhar as primas mais velhas em uma sessão de tatuagem, encantou-se.

Aos 12 anos, a adolescente começou a passar as tardes livres depois das aulas sondando um estúdio de tatuagem que ficava perto da escola. Vidrada nos quadros e pinturas das paredes, ficou fascinada com o sentimento de libertação feminina, enfrentamento e expressão que as tatuagens representavam na época. “O corpo vira um veículo de informação.”

Ao completar 15 anos, conseguiu convencer a família que estava pronta para dar início à sua jornada pelo mundo das tatuagens. O processo não foi simples, Beatriz precisou lutar para mudar a forma como os parentes viam as tatuagens e, depois disso, claro, convencê-los de que ela era madura o bastante para tomar a decisão de marcar a pele para sempre.

O medo de que a jovem pudesse se arrepender desapareceu pouco tempo depois. Envolvida no universo das tattoos, estudando os desenhos e as técnicas, aos 17 ela viveu a primeira experiência como tatuadora, profissão que exerce há quase uma década.

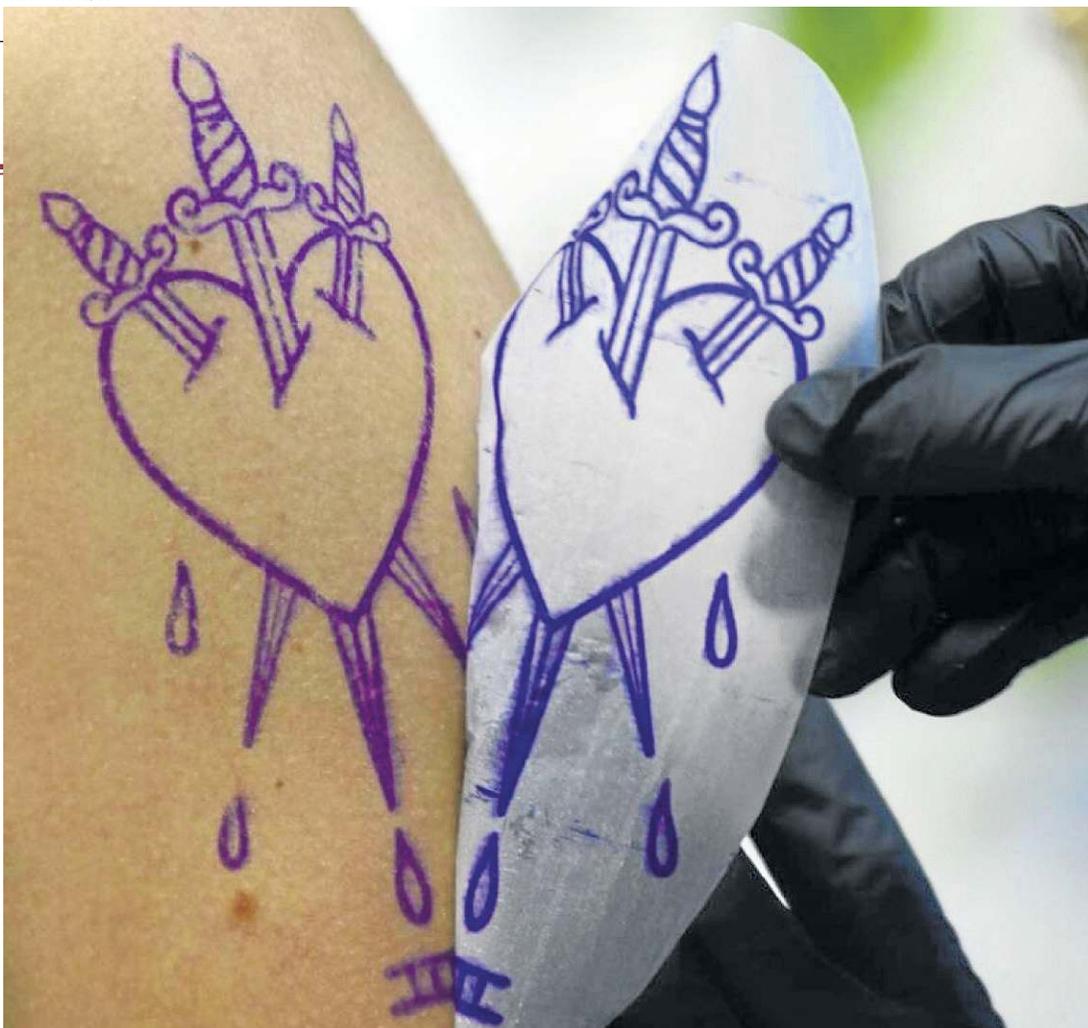
Hoje, tudo é aprendido, mas Beatriz sofreu até encontrar seu lugar no meio. Sem o apoio inicial da família, que via a carreira como algo indecente e vergonhoso, enfrentou sozinha uma série de episódios que a desencorajaram e traumatizaram.

“Ter 17 anos e me inserir em um ambiente reinado por homens não foi uma tarefa fácil. O senso comum faz a gente acreditar que o meio é super inclusivo e aberto, mas o sexismo me fez, muitas vezes, questionar se eu pertencia”, lembra.

Beatriz só passou a se sentir mais confortável depois que começou a atuar em estúdios femininos, onde se sentia valorizada e respeitada pelas colegas, sem reproduzir o sentimento de competição e vulnerabilidade que antes era imposto a ela.

Obstáculos na sociedade

Hoje, além de tatuadora, Beatriz é estudante de artes visuais e enxerga as artes como recortes



Estudante de artes, Beatriz Araújo (à esquerda) faz os próprios desenhos das tattoos

da sociedade. “Elas acompanham os processos históricos e reproduzem estereótipos estruturais. O machismo e seus desdobramentos estão presentes nos estúdios de tatuagem.”

Nos ambientes corporativo e acadêmico, ela também sente a desvalorização de seu trabalho. A jovem ouviu de professores e colegas que sua profissão era apenas uma forma de ganhar dinheiro fácil. Em um estágio como professora de artes em uma escola de ensino fundamental II, foi orientada a cobrir os braços e o pescoço com roupas de frio. A justificativa era que ela poderia influenciar as crianças de forma negativa.

Quando tentou seguir carreira militar — um dos seus sonhos — foi impedida de se alistar porque uma de suas tatuagens no joelho era visível, o que, para o Estado, tornava seu ingresso inadmissível.

Apesar das dificuldades, Beatriz não se arrepende. Ela comemora, por exemplo, a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), de 17 de agosto de 2016, na qual editais de concurso público não podem estabelecer restrições para pessoas com tatuagem. “É um marco dessa mudança significativa e é de extrema importância na luta diária de todas que vivem de arte no Brasil e se expressam livremente”, completa.

* Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte

UM POUCO DE HISTÓRIA

Egípcios, pictos, polinésios e povos indígenas das Américas já se tatuavam. Com diferentes técnicas e objetivos, registros na pele foram encontrados em múmias e confirmados em diversas culturas ao redor do mundo por meio de estudos sociológicos e antropológicos.

Entre os polinésios, elas eram usadas como símbolos de poder e hierarquia; no Japão, como status de nobreza. Entre os maoris e povos da América Central, os desenhos estavam relacionados a guerras e batalhas. No Antigo Egito, as marcas no corpo eram uma forma de conexão com o divino.

As tatuagens acabaram sendo difundidas no mundo moderno por meio dos marinheiros, o que trouxe um estigma negativo. Foram associadas aos que viviam à margem da sociedade e aos presos, que usavam as marcas para serem identificados.

Hoje, os desenhos alcançaram um status de arte e, além da forma de expressão, muitas pessoas os usam como formas de eternizar momentos, lugares e pessoas importantes, além de uma forma de se sentir próximos do que amam.